

A Ria / Laguna de Aveiro – Natureza e Interação Humana

“A ria é um enorme pólipó com os braços estendidos pelo interior, desde Ovar até Mira. Todas as águas do Vouga, do Águeda e dos veios, que nestes correm para o mar, encharcam nas terras baixas, retidas pela duna de quarenta e tantos quilómetros de comprido, formando uma série de poças, de canais, de lagos e uma vasta bacia salgada. De um lado o mar bate e levanta a duna, impedindo a água de escoar, do outro é o homem que junta a terra movediça e a regulariza. Vem depois a raiz e ajuda-o a fixar o movimento incessante das areias, transformando o charco numa magnífica estrada, que lhe dá o estrume e o pão, o peixe e a água da rega. Abre canais e valas. Semeia o milho, povoa a terra alagadiça, e à custa de esforços persistentes, obriga a areia inútil a renovar constantemente a vida. Edifica sobre a água, conquistando-a, como na Gafanha. Aduba-a com o fundo que lhe dá o junco, a alga e o escasso, detritos de pequenos peixes. Exploram a ria os mercantéis, que fazem o tráfego da sardinha, os barqueiros que fazem os fretes marítimos, os rendeiros das praias que lhe aproveitam os juncais, os marnotos, que se empregam no fabrico do sal, os moliceiros que apanham as algas...”, **Raul Brandão, em “Os Pescadores”**

A Ria de Aveiro é considerada a zona húmida mais importante do centro-norte do território português, reconhecida por diversos estatutos de natureza atribuídos, nomeadamente:

Zona de Protecção Especial (ZPE), como importante local de alimentação e reprodução para diversas espécies de aves;

Sítio de Importância Comunitária (SIC), pelo seu papel na conservação de comunidades da ictiofauna (*principalmente de peixes migradores*) e de habitats estuarinos e costeiros protegidos.

A abundância de recursos naturais disponíveis na laguna motivou desde muito cedo a sua exploração pelo homem e incentivou a **fixação de população**, que **reconfigurou o ecossistema lagunar, aumentando a sua riqueza e biodiversidade** - com a criação de **salinas e de condições para a prática agrícola**.

Os campos agrícolas caracterizam-se por parcelamento elevado, parcelas separadas, normalmente, por sebes arbórea e arbustiva (**campos de Bocage**), que têm como função a delimitação da propriedade, protecção das culturas contra os ventos e estacionamento e sombra para o gado.

A Ria de Aveiro influenciou também a fixação de comunidades fortemente marcadas pelas **actividades marítimas** - pesca local e de longo curso, navegação e comércio marítimo e construção naval.

A Ria / Laguna de Aveiro – Características e Evolução Morfológica

A Ria de Aveiro corresponde a uma extensa área lagunar (1) com 45km de extensão N-S (Carregal/Ovar - Poço da Cruz/Mira), e 11km de largura máxima E-O (Cais de Canelas/Fermelã - Bico do Muranzel), ocupando uma área com cerca de 11.000 ha.

A dinâmica da laguna é determinada pela **interacção entre a água salgada oceânica e a água doce, no interior da laguna, de origem fluvial**. Os rios Vouga e Antuã constituem as principais fontes de água doce, mas a laguna acolhe ainda os caudais fluviais provenientes, a norte, dos rios Cáster, Gonde e Fontela e, a sul, do rio Boco.

A água do mar entra através do **canal da Embocadura ou da Barra** e espalha-se ao longo dos vários canais, que divergem em várias direções, dentro da laguna. De um modo geral, o grau de salinidade das águas da laguna decresce com o afastamento à barra, e apresenta uma variação sazonal no interior (salinidade mais alta no Verão).

(1) **Laguna** - extensão aquática alongada, que se desenvolve paralelamente ao litoral, isolada deste por cordões litorais ou por restingas, sujeita à influência das marés.

Formação lagunar

“Uma ampla baía antecedeu a laguna contemporânea que adquiriu a sua configuração atual a partir do século X. A ação conjugada de ventos, correntes marinhas e de sedimentos carreados pelos rios criou duas flechas arenosas, uma progredindo de Espinho para sul e outra, subindo em latitude a partir do cabo Mondego”. Orlando de Oliveira "Origens da Ria de Aveiro "

Com o recuo do mar, a profundidade da água na laguna não deveria ser muito grande, por isso os cursos de água que nela desaguavam começaram a fazer um trabalho de assoreamento bastante rápido, criando **uma série de ilhotas** no seu interior. À medida que a restinga litoral crescia para sul, a capacidade de escoamento dos sedimentos ia ficando cada vez mais reduzida e as águas doces provenientes do interior ficaram retidas numa bacia de receção, o que dificultou o seu escoamento e deu origem a **extensas formações aluvionares**. O processo lagunar terminou em meados do século XVIII, quando **o cordão litoral norte se uniu aos areais de Mira**, formando uma muralha de areia que fechou por completo a laguna.

Essa situação provocou a insalubridade das águas estagnadas na laguna, dando origem a graves surtos epidémicos, e afetou o funcionamento do Porto de Aveiro, desencadeando uma crise social e económica com graves consequências para toda a região. **A abertura artificial do Canal da Barra,**

em 1808, permitiu a estabilização definitiva da comunicação da laguna com o mar e repôs o equilíbrio do sistema lagunar.

As transformações da laguna, ocorridas durante estes 7 séculos condicionaram a navegação, deixaram marcas na paisagem, alteraram o modo de vida das populações locais (que passaram de uma posição costeira para um espaço lagunar) e condicionaram a estrutura do povoamento.

“Durante a época moderna a estrutura de povoamento foi profundamente condicionada pela sua evolução. Por exemplo, às povoações de Ovar, Esgueira, Aveiro, Ílhavo, Vagos e Mira, foram sendo acrescidas novas áreas de povoamento que ocuparam gradualmente as áreas baixas recentemente formadas pelo assoreamento progressivo da costa (Amorim, 2008c) “.

As Ilhas da Laguna

“No seu interior, uma **miríade de braços de água** à volta de **centenas de ilhotas** de variado tamanho, **berço e poiso de muitas aves** e de uns quantos **animais aquáticos** – a que se juntam **sapais, lodos, salinas e campos cultivados”**, Raul Brandão.

As ilhas situadas na parte central da laguna, entre S. Jacinto e Murtosa, outrora, tinham salinas e áreas de pastagens, e algumas chegaram a ser cultivadas e habitadas. Atualmente, na sua maioria, estas ilhas estão votadas ao abandono e converteram-se em **espaços de vida selvagem** - as Marinhas de Sal funcionam como um habitat propício para muitas espécies de animais, com relevância para as **aves aquáticas**, que aqui encontram alimento e proteção.

Todavia, **alguns dos espaços de antigas salinas têm sido requalificados para outras atividades**, como a produção de salicórnia para consumo humano, piscicultura de robalos e douradas e produção de macroalgas e de ostras, complementadas com turismo de natureza.

O Barco Moliceiro (Ícone da Ria)

*“Não conheço outro mais **artístico**, mais **leve**, mais **adequado às funções que exerce e à paisagem que o circunda”**, Raul Brandão.*

Este tipo de embarcação foi criado para circular nas águas pouco profundas da Ria e para a **apanha do moliço**.

O que distingue estes barcos de outras embarcações tradicionais são as **especificidades técnicas artesanais** do seu processo construtivo, transmitidas de geração para geração, e as **pinturas policromas**, de cariz popular, que as decoram, sobre diversos temas (religioso, histórico, do trabalho, do quotidiano, erótico).

Reconhecida a necessidade de salvaguarda urgente deste saber-fazer (foi elaborado o Plano Estratégico para a Salvaguarda do “**Barco Moliceiro: Arte da Carpintaria Naval da Região de Aveiro**”), procedeu-se à sua inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, em 2022, e foi formalizada a sua **candidatura a Património da Humanidade** (2023).

Após um declínio acentuado no número de embarcações, devido ao abandono da apanha do moliço, **assiste-se atualmente a uma nova dinâmica na construção e reparação dos barcos moliceiros**, relacionada com a procura turística destas embarcações e com a sua promoção através de várias iniciativas e eventos (*regatas, concursos, publicações, reportagens*).

Aveiro

A vila de Aveiro (criada no séc. XIII) cresceu em torno da **exploração do sal**, da **captura e transformação do pescado**, da **produção cerâmica**, bem como da agricultura nas áreas envolventes do aglomerado urbano.

A Ria e o Mar garantiram a sua subsistência e o seu desenvolvimento, o porto contribuiu para a sua afirmação económica, abrindo as portas à navegação e ao comércio internacional. **Em meados do séc. XVI, Aveiro atingiu um considerável peso populacional e económico, associado à produção e comercialização do sal, à pesca de bacalhau e à construção naval.**

Durante o séc. XVII, o assoreamento progressivo da barra lagunar acabou por impedir o funcionamento do porto, o que gerou uma grave crise na região e a vila foi sendo progressivamente abandonada, até ficar reduzida a uma população residual. **A abertura artificial da Barra devolveu, paulatinamente, o dinamismo e prosperidade à cidade de Aveiro (criada em 1759).**

Na transição do século XIX para o século XX, a emergência de uma classe burguesa, endinheirada e esclarecida, adopta as grandes correntes artísticas que dominavam na Europa, construindo **habitações ao gosto Arte Nova**. Em Aveiro, este movimento artístico assumiu maior expressão através da **azulejaria de fachada**, reflexos da tradição oleira da região.

Bibliografia: Neves, Amaro “História de Aveiro: Síntese e Perspectivas”, 2009 e Gonçalves, Alfa “Hotel das Américas: Um reflexo da Arte Nova na História de Aveiro”.

Venha conhecer o Património Natural e Cultural da Ria de Aveiro, penetrar nos seus ambientes aquáticos e terrestres, experienciar a navegação tradicional nos seus canais, contemplar a beleza da sua paisagem e aprender com quem sabe e nela vive.

Programa:

1. Ria

A. Percorso aquático - Passeio de Moliceiro (cerca de 1h) pelos canais da ria aberta: saída do Cais do Bico (Murtosa), às 11h30.

Almoço: No parque de merendas do Cais do Bico (trazer farnel). Existe alternativas de escolha na restauração local.

B. Percorso terrestre - (cerca de 1h30) visita guiada por especialista da BioRia.

Saída do Centro de Interpretação da BIORIA, às 14h30.

2. Cidade de Aveiro- Algum tempo disponível para visitar e desfrutar a cidade.

Quando chegarmos à estação de Aveiro vamos no **autocarro** até ao Cais do Bico da Murtosa, onde embarcamos no **moliceiro** para um agradável passeio.

Depois do almoço iremos de novo no autocarro para a **visita guiada à BioRia**.

Será outra vez o **autocarro** que nos vai levar de volta à cidade de Aveiro.

O resto da tarde, até à hora do comboio, será **tempo livre**.

Transportes:

De modo a diminuir a pegada ecológica, **faremos a deslocação Lisboa - Aveiro - Lisboa, de comboio:**

- Comboio AP em Lx (Sta Apolónia) às 8h00 ou Lx (Oriente) às 8h09

- Chegada a Aveiro às 10h14.

- Comboio AP em Aveiro às 19h20

- Chegada a Lisboa (Oriente) às 21h22 e a Sta Apolónia às 21h30.

No regresso, também poderá optar por outros horários de comboios.

As deslocações terrestres **Aveiro-Murtosa-BioRia-Aveiro serão feitas num autocarro** alugado pelo CAAL.

O preço (41€) inclui o passeio no moliceiro, a visita guiada, o autocarro que nos irá transportar e toda a organização da atividade.

Devido à lotação máxima do barco moliceiro, **as inscrições são limitadas**, por isso aconselhamos que o façam o mais rapidamente possível.